

# O PAPEL DO TRADUTOR-INTÉRPRETE EM MISSÕES DE PAZ

Coronel Carla Beatriz Medeiros de Souza Albach

A Coronel de Magistério-Ingês Carla Beatriz é a Chefe da Seção de Redação do Centro de Comunicação Social do Exército. Pertence à turma de formação de oficiais de 1992 da Escola de Administração do Exército. Possui as graduações de Magistério Português-Ingês da UFRJ e de Intérprete de Conferências e Tradução da PUC/Rio. No exterior, realizou os cursos de Ingês Avançado na Base Aérea do Texas-EUA e na Escola de Línguas das Forças Canadenses, onde foi instrutora. No CEP, foi professora de inglês; na ESG, Auxiliar de Estado-Maior Pessoal, Chefe da Divisão de Pessoal e Adjunto do Centro de Atividades Externas; na ECEME, Chefe da Seção de Idiomas e Adjunto do curso internacional do CPEAEx; e na MINUSTAH, Chefe da Seção de Intérpretes do BRABAT/17-2 (cbalbach@hotmail.com).



“Sem tradução, eu ficaria limitado às fronteiras do meu próprio país. O tradutor é o meu mais importante aliado. Ele me apresenta ao mundo.” (Italo Calvino, jornalista e escritor italiano).

A Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (*Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti* - MINUSTAH, sigla em francês) teve início em 2004, como um esforço cooperativo da Organização das Nações Unidas (ONU) para apoiar o Haiti com segurança e estabilidade política. Originalmente, o mandato tinha previsão de término em outubro de 2012. No entanto, após um terremoto de grande magnitude que atingiu o país caribenho em janeiro de 2010, as autoridades da ONU decidiram ampliar o número de tropas. O desastre natural matou cerca de 200 mil pessoas, destruiu ou danificou seriamente 250 mil casas e 30 mil edifícios comerciais.

A participação de sete mil militares, oriundos de mais de uma dezena de países, como: Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Croácia, El Salvador, EUA, Filipinas, França, Guatemala, Itália, Jordânia, Nepal, Paquistão, Paraguai, Peru, Sri Lanka e Uruguai, passou a contar com

mais um batalhão brasileiro de força de paz (*Brazilian Battalion* - BRABAT, sigla em inglês), denominado BRABAT-2, quase que duplicando o número de militares brasileiros naquela missão de paz.

## A MINUSTAH E O BRASIL, SOB A ÓTICA DE UM INTÉRPRETE HAITIANO

O depoimento a seguir é de autoria de Julien Telusman, intérprete haitiano, contratado pela MINUSTAH, que atuou junto às tropas brasileiras de 2006 até o fim da missão, em 2017.

“A questão política aqui no Haiti é muito complexa. Após a partida do ditador Baby Doc, em 7 de fevereiro de 1986, o País rapidamente caiu na instabilidade. Foram seis governos em quatro anos. As eleições gerais, em dezembro de 1990 e janeiro de 1991, foram as primeiras consultas eleitorais verdadeiramente democráticas realizadas no Haiti, sob a presidência da Sra. Ertha Pascal-Trouillot, primeira presidente do Haiti. Essas eleições deram vitória ao candidato do partido de esquerda *Fanmi Lavalas*, Jean-Bertrand Aristide.

Sete meses depois, o presidente Aristide foi vítima de um golpe de estado, sendo exilado para os Estados Unidos, onde permaneceu por mais de três anos. Para o retorno da ordem constitucional, em 15 de outubro de 1994, ele voltou com 20 mil soldados americanos, com a bandeira da ONU MINUHA. Essa missão deixou o país em 2000.

Em 2000, o Presidente Aristide participou das eleições, foi eleito e fez o juramento em 7 de fevereiro de 2001. O corpo político não participou das eleições. Houve movimentos em todos os lugares, em novembro de 2003, com manifestações

da Resistência do Exército. Em 29 de fevereiro de 2004, então, ele foi exilado na África do Sul. O conselho de segurança criou a *MINUSTAH*, uma missão de paz das Nações Unidas.

Logo no início da missão, a seleção de futebol brasileira jogou uma partida amistosa com a seleção haitiana, que terminou em Brasil 6 x 0 Haiti. O componente militar da missão, liderado pelo Exército Brasileiro, esteve em operações desde 2004. O comandante da Força sempre foi um General brasileiro.

A maneira com a qual os soldados brasileiros tratam os haitianos é a razão porque muitos haitianos vão para o Brasil. O povo brasileiro é um povo irmão. Os soldados brasileiros ajudaram os orfanatos haitianos, antes e depois do terremoto, na reconstrução de escolas após os desastres e na distribuição de alimentos, água e medicamentos para os hospitais. Durante os momentos difíceis, eles estiveram sempre ao lado dos haitianos. Durante os furacões, eles estavam sempre lá para nos ajudar no que quer que fosse, em *Jeremie*, *Les Cayes*, *Cité Soleil*, *Gonaïves*. A Companhia de Engenharia Brasileira (*Brazilian Engineering Company - BRAENGCOY*, sigla em inglês) construiu quilômetros de estradas no Haiti. Os haitianos mudaram o nome dos brasileiros para '*bon bagay*', que significa 'boa gente'.

A missão foi muito benéfica para o Haiti em termos políticos, econômicos, sociais e de segurança. No plano político, a missão nos trouxe estabilidade, com a ajuda incondicional dos soldados brasileiros. Em nível de segurança, não há mais áreas sem direitos. Em nível econômico, a missão injetou muito dinheiro na economia haitiana. Em nível cultural, o Brasil nos trouxe sua cultura, com destaque para a capoeira

Para a partida da *MINUSTAH*, as opiniões estão divididas. Uma grande parte da população teme que a violência não

acabe, porque a PNH (Polícia Nacional do Haiti) não conseguirá garantir a segurança do povo. Os que apoiam o caos querem que a *MINUSTAH* parta. Para a maioria dos haitianos, a *MINUSTAH* não deve sair, porque ainda há muito a se fazer. Será um déficit para a nossa economia”.

## INTERPRETAÇÃO x TRADUÇÃO

Há pessoas que confundem tradução com interpretação. Também desconhecem os desdobramentos da interpretação: simultânea, consecutiva e sussurrada. Resumidamente, podemos definir tradução como a passagem de um idioma para outro, utilizando a linguagem escrita. A interpretação realiza o mesmo trabalho utilizando, contudo, a linguagem oral.

Quanto ao tipo de interpretação a ser utilizada, a simultânea se dá em uma cabine com isolamento acústico, ou em um local separado, onde o intérprete ouve apenas a voz do orador, através do fone, e reproduz sua mensagem para a plateia, com a qual não mantém contato direto. Nesse caso, intérprete e orador falam ininterruptamente. Esse tipo de interpretação é mais usado com grandes audiências e somente as pessoas que necessitam de tal recurso solicitam o fone de ouvido. Também é um serviço mais caro, pois, além do profissional, o contratante deve pagar pelo aluguel do equipamento de som e pela montagem da cabine.

Na interpretação consecutiva, mais adequada a audiências menores, não há cabine ou aparelhagem, apenas os microfones para o orador e para o intérprete. Caso o ambiente seja pequeno, com boa acústica, até mesmo o microfone é dispensável. Intérprete e orador, lado a lado, falarão de forma intercalada, preferencialmente com frases curtas, para que o intérprete possa registrar a mensagem sem a preocupação de memorizá-la, repassando-a aos ouvintes de forma dinâmica, a fim de não tornar o evento enfadonho. Como se dirigirá



à plateia como um todo, tanto os que compreendem quanto os que não compreendem o idioma estrangeiro, são obrigados a ouvir a interpretação, deixando mais exposta a figura do profissional.

A interpretação sussurrada é utilizada, geralmente, quando apenas um ou dois ouvintes não dominam o idioma do orador. Nesse caso, o intérprete se posiciona distante do palestrante, mas bem próximo do ouvinte, falando quase que ao seu ouvido, em tom baixo, para não atrapalhar os demais. Por isso o termo: “sussurrada”. Em uma missão de paz, como a do Haiti, dada a precariedade dos meios, é praticamente inviável a montagem de uma estrutura de interpretação simultânea. As técnicas de consecutiva e de sussurrada, portanto, são as comumente utilizadas.

E qual seria a essência da tradução e da interpretação?

Na tradução, tanto o conteúdo quanto a forma são importantes, porque ficará materializada em documento escrito. É recomendável que o tradutor possua alguma experiência com esse tipo de tarefa, para que não gaste dias realizando uma tradução que poderia ser concluída em horas. No entanto, com a ajuda de bons dicionários e enciclopédias on-line, mesmo uma pessoa pouco experiente, mas com domínio da

estrutura dos dois idiomas, pode apresentar um bom trabalho, já que o fator tempo é seu aliado.

Já na interpretação, por ser oral e acontecer em tempo real, o técnico não pode realizar qualquer tipo de consulta, necessitando de raciocínio rápido, pois o ouvinte não pode esperar. Não deverá, então, prender-se à forma, mas tão somente ao conteúdo. A preparação acontece antes do evento. É importante que o intérprete saiba, com antecedência, o assunto que será tratado, para pesquisar vocabulário e expressões que serão possivel-

mente utilizados pelo orador. Tais procedimentos aumentam a confiança do profissional, que não será surpreendido por algo que desconhece. Preferencialmente, o intérprete deverá ter um prévio contato com o orador, a fim de perceber seu estilo de apresentação, ritmo de voz e sotaque.

Interpretar não é simplesmente substituir palavras de um idioma para outro. É uma questão de entender a ideia transmitida em um idioma e, depois, explicá-la, usando os recursos de outro idioma. Por isso, além de ser um profundo conhecedor dos idiomas envolvidos no processo, tanto de vocabulário como de gramática, o intérprete deve ter um bom nível de cultura geral. As reuniões, por exemplo, são de natureza altamente complexa, quer se trate de assuntos políticos, militares ou técnicos. Manter-se a par dos desenvolvimentos políticos e militares em ambas as línguas é essencial.

Em missões de paz, ou em qualquer atividade que demande negociação entre dois povos de idiomas distintos, além do intérprete técnico, as tropas utilizam-se de civis nativos como assistentes de linguagem.

Com as tropas brasileiras, em missão no Haiti, não foi diferente.

## O ASSISTENTE DE LINGUAGEM

Rubin & Brown (1975:2) definem negociação como: “duas ou mais partes que tentam estabelecer o que cada uma deve dar e receber.”

Carnevale & Lawler (1986: 636) definem negociação como “uma forma de comunicação simbólica, que envolve duas ou mais pessoas, na tentativa de chegarem a um acordo sobre questões que envolvem interesses diferentes”.

Como falar em negociação sem a presença do falante nativo, principalmente quando uma terceira língua faz parte do discurso? No caso do Haiti, apesar de ter o francês como idioma oficial, a população se comunica por meio de um dialeto, o *creole* haitiano, desenvolvido de uma mistura de línguas africanas com base na língua francesa. Além dos nativos, são raras as pessoas que se comunicam nesse dialeto, a menos que tenham um interesse profissional ou pessoal específico, de caráter permanente.

Nossos intérpretes, como já citado, são habilitados nos idiomas oficiais da *MINUSTAH*: inglês ou francês. Houve, em todos os contingentes, uma preocupação do Exército Brasileiro em fornecer noções do *creole* a nossos soldados, pois seriam eles que, em patrulha, estariam em contato direto com a população haitiana. Mesmo assim, em assuntos mais complexos, essa noção não seria suficiente para um perfeito entendimento entre as partes. Nesses casos, entrava a figura do assistente de linguagem: civis haitianos, contratados pela própria ONU ou pelo *BRABAT*, para atuarem como intérpretes junto à população

local. Ninguém melhor que o nativo para entender as sutilezas culturais, o grau de tolerância de seu povo e as expressões corretas para cada tipo de situação.

Em determinadas situações era muito importante a presença do assistente de linguagem. Aqueles contratados pelo Batalhão brasileiro possuíam menor qualificação. Geralmente falavam e entendiam o português com maior dificuldade, mas conseguiam atender às demandas do batalhão satisfatoriamente. Já os assistentes selecionados pela ONU eram bem mais

qualificados. Além, é claro, do francês e do *creole*, expressavam-se bem em português, em inglês e em espanhol. Esses contratados foram mão de obra indispensável para o bom andamento das missões dentro das comunidades e dos acampamentos das famílias que perderam tudo no terremoto de 2010.

**No sentido de minimizar no intérprete o estresse natural da função, também era importante a consciência situacional, que facilitava a preparação operacional, física e psicológica, já que as missões podiam durar horas ou dias. Ou seja, além de ser mais um integrante que apoiava a fração, o intérprete também passava a ser um agente de informação.**

## UM ASSISTENTE DE LINGUAGEM A SERVIÇO DO CONTBRAS

O depoimento a seguir é de autoria de Théonor Charles, haitiano, assistente de linguagem contratado pelo *BRABAT* nos Contingentes 17 e 18

“Acima de tudo, gostaria de agradecer a oportunidade de participar desse artigo. Bem, na verdade, quando a *MINUSTAH* chegou ao Haiti eu tinha 12 anos. Eu só sabia que havia uma força estrangeira em meu país, com objetivo de ajudar o meu povo, mas eu não tinha realmente um conhecimento sobre o assunto. Aprendi português nas ruas, com as tropas brasileiras, e passei a ajudar na comunicação com os moradores das comunidades, sem



compromisso, só porque os brasileiros nos tratavam com muito respeito e bom humor. A partir de fevereiro de 2013, aos 21 anos, um comandante do *BRABAT* me deu a oportunidade de trabalho no batalhão, como assistente de linguagem, e, durante oito meses, pude, pela primeira vez, ter um salário de verdade. Foi realmente uma experiência muito boa, porque, dessa forma, eu ajudei os soldados brasileiros e contribuí com a *MINUSTAH* para a estabilidade da paz no Haiti. A *MINUSTAH* ajudou muito o meu país e o meu povo, por isso dou muitos aplausos a ela.

Agora moro no Brasil. Como já conhecia os brasileiros, essa minha vida aqui é apenas uma continuação da vida que tinha em meu país, ou seja, minha experiência com os brasileiros ainda não está concluída. Cheguei há apenas três meses nessa terra, então as coisas ainda não estão fáceis, longe da minha família, sem uma renda, precisando pagar as contas, me alimentar e me vestir. Mas tudo é uma grande lição. Agradeço à *MINUSTAH* por estar aqui e ter essa chance de poder tentar um futuro melhor para mim.”

## A SEÇÃO DE INTÉRPRETES NO CONTBRAS - *MINUSTAH*

A cada contingente, e entre o *BRABAT* e a *BRAENGCOY*, as missões da Seção de Intérpretes foram singulares, cada uma acompanhando as mais diferentes variantes

que se desdobravam naquele momento da história do país.

No *BRABAT*, os documentos básicos a serem traduzidos para o inglês eram o *Situation Report (SITREP)*, o *Flash Report* e o *Accident Report*. O *SITREP*, sem dúvida o mais trabalhoso, era o relatório de todas as operações do batalhão, enviado diariamente para a *MINUSTAH*, com prazo máximo de entrega até a meia-noite. Dependendo da quantidade de atividades realizadas no dia,

o *SITREP* podia ultrapassar 20 páginas, entre textos, tabelas e fotos legendadas. A seção mantinha uma escala de serviço, que incluía o sábado e o domingo, já que em missões dessa natureza não há distinção entre dia, noite ou fim de semana. Como o intérprete de dia tinha que esperar até que o G3 (célula de operações do *BRABAT*) consolidasse o *SITREP* em português e o entregasse ao comando do batalhão para ser aprovado, o documento chegava à célula de intérpretes por volta das 17h00, para que a tradução começasse a ser executada.

Quando os nossos Grupos de Combate (GC), em patrulha, deparavam-se com manifestações populares, pacíficas ou não, feridos ou mortos, ou qualquer outra situação adversa que pudesse comprometer o deslocamento ou a integridade física do componente civil e militar, avisavam seus respectivos comandantes de companhia, que passavam a informação para o COT (Centro de Operações Terrestres) para que os intérpretes confeccionassem o *Nine Lines*, uma lista de nove perguntas que fariam um rápido resumo do problema como: coordenadas, danos, origem, consequências imediatas, número de envolvidos etc. O intérprete teria, então, 30 minutos para, por telefone, passar a ocorrência para a *MINUSTAH*. Caso esse tempo expirasse, era redigido um *Flash Report*, resumo do evento por escrito, que

deveria ser enviado por e-mail em até duas horas após ter sido plotado por nossas tropas. Já o *Accident Report* era um tipo de relatório mais utilizado nos casos de acidentes com viaturas e só poderia ser produzido, após realizada a perícia pela Polícia da Guatemala. Nesse procedimento, aguardava-se o retorno dos envolvidos e respectivos relatos para que o *legal advisor* (assistente jurídico do BRABAT), após ouvir as partes, confeccionasse tal documento em português. Só então a tradução podia ser feita. Aliás, o trabalho do tradutor era, na maioria das vezes, integrado com o do assistente jurídico.

Além dos relatórios citados, havia, para serem traduzidos, documentos inopinados, como: contratos de compra e venda, de locação, de prestação de serviços, informativos mensais sobre as atividades do G10 (célula de comunicação social do BRABAT), sindicâncias, *board of inquiry* (equivalente ao nosso Inquérito Policial Militar), entre outros de menor porte.

Dentre as atividades de interpretação, havia reuniões semanais nas dependências da MINUSTAH, do comandante do Batalhão com o *Force Commander*, do G6 (célula de comunicações do BRABAT) com o U6 (da MINUSTAH), do G2 (célula de inteligência do BRABAT) com o U2 (da MINUSTAH) etc. Não raro, outros contingentes visitavam o nosso batalhão para troca de informações, almoço e palestras, sempre envolvendo a presença do intérprete.

Os profissionais de francês tinham mais trabalhos de interpretação do que de tradução e, geralmente, ocorriam fora do batalhão, como apanha de dinheiro em banco, atividades de cooperação civil-militar (*civil military cooperation-CIMIC*, sigla em inglês) e de interação com a população haitiana, compras no comércio local etc.

Na BRAENGCOY, por ser uma companhia, o número de intérpretes militares se resumia a um intérprete de

inglês, que chefiava uma equipe composta apenas de assistentes haitianos. Apesar de em menor volume, a documentação para ser traduzida e os eventos de interpretação eram os mesmos do BRABAT.

O grande acontecimento, que envolvia todo o CONTBRAS, era a inspeção da ONU. Dependências internas e externas, armamentos, viaturas, alimentos, material de saúde, de informática, tudo era minuciosamente averiguado pelos agentes da MINUSTAH. Cada grupo especialista em uma determinada área deslocava-se com um intérprete para a área de inspeção e montava um relatório de observações. Ao final, mais uma vez utilizando os intérpretes, a equipe da MINUSTAH dava um retorno geral da visita para o estado-maior do batalhão, reportando suas considerações que, no caso do Brasil, eram sempre altamente positivas quanto à capacidade de manutenção do material e à organização do batalhão para a inspeção, que ocorria duas vezes para cada contingente (trimestralmente).

## O INÍCIO

O depoimento a seguir é de autoria do Tenente Clayton, tradutor-intérprete de inglês no primeiro e segundo contingentes enviados pelo Exército Brasileiro ao Haiti

“Em 2004, após o embarque da tropa brasileira para o Haiti, o Comando da Brigada Haiti, como foi chamado o primeiro contingente, percebeu a necessidade de intérpretes de inglês e solicitou que fossem selecionados dois intérpretes para já embarcarem no voo seguinte. O Exército, pela urgência, buscou voluntários com experiência em missão no exterior ou fluência no idioma, pois o próximo voo seria em uma semana. Dessa forma, eu e um companheiro fomos selecionados e partimos com o mínimo de informação e material.

Inicialmente, a decisão do comando foi enviar um intérprete para atender as necessidades do G3 e o outro para suprir as demandas de caráter administrativo



da base, ainda em construção, numa área escolhida dentro do aeroporto internacional *Toussaint Louverture*, em Porto Príncipe. Tal distribuição foi adotada durante algum tempo, mas foi percebida uma grande necessidade da presença de ambos os intérpretes em atividades fora da Base, o que fazia com que as tarefas internas, como a tradução dos *SITREPs*, *Flash Reports* e outros documentos, fossem realizadas no regresso das missões externas, dificultando a entrega da documentação nos prazos estabelecidos pela *MINUSTAH*.

Diferentemente das equipes compostas em contingentes posteriores, a equipe dos primeiros batalhões possuíam mais intérpretes de francês do que de inglês. Éramos, então, cinco militares de francês e dois de inglês, sendo que o chefe da equipe era um oficial intérprete de francês.

É interessante ressaltar que o Brasil foi a primeira tropa do contingente militar a chegar ao Haiti e algumas áreas que haviam sido designadas a outros países ficaram temporariamente sob a responsabilidade do *CONTBRAS*, até que os países responsáveis por aquelas áreas enviassem suas tropas. No norte do país, por exemplo, havia um pelotão brasileiro desdobrado com um militar intérprete de francês. Esse intérprete permanecia com o pelotão, fora da base de Porto Príncipe.

Outro intérprete de francês ficava destacado no Palácio Nacional, em apoio a uma companhia que provia a segurança das instalações e a segurança particular do Primeiro-Ministro.

Nesse contexto, com maior demanda de intérpretes militares destacados no terreno, dentro e fora da capital, foram delineados os primeiros atributos necessários a esses profissionais. Como até aquele momento se desconhecia qualquer regulamento por escrito sobre o emprego do intérprete militar do Exército Brasileiro em missões de paz, passamos a pesquisar, junto a tropas da *Multinational Interim Force (MIF)*, composta por tropas dos EUA, Canadá e França (que ainda permaneciam no terreno), a doutrina de emprego dos seus intérpretes, para que pudéssemos adaptá-la à nossa realidade.

Conseguimos obter muitas informações, mas em um curto espaço de tempo, pois a *MIF* já iniciava a sua retirada do Haiti, à medida que as tropas da *MINUSTAH* chegavam.

O primeiro ensinamento, que passamos a entender e a aplicar, foi que o intérprete militar, como parte da tropa, deveria receber o máximo de dados antes de sair para qualquer missão, a fim de facilitar a comunicação do comandante ou da fração da qual fazia parte, pois quanto mais detalhes fornecidos sobre a atividade que se desdobraria, melhor seria a sua preparação para executar a missão, tanto em relação ao vocabulário técnico a ser utilizado, quanto ao conhecimento operacional, visto que estava normalmente destacado para missões da linha de frente.

No sentido de minimizar no intérprete o estresse natural da função, também era importante a consciência situacional, que facilitava a preparação operacional, física

e psicológica, já que as missões podiam durar horas ou dias. Ou seja, além de ser mais um integrante que apoiava a fração, o intérprete também passava a ser um agente de informação.

Como o intérprete também dava suporte ao estado-maior do batalhão, o vocabulário não se resumia aos diversos departamentos e siglas da ONU, mas abrangia assuntos de: pessoal (G1), inteligência (G2), operações (G3), logística (G4), material específico de engenharia, e outros tantos assuntos que exigiam flexibilidade e adaptabilidade no uso de vocabulário técnico, que não ficava restrito à área militar.

A função de intérprete em operações militares de paz no Exército era algo novo. Era natural, portanto, que os militares a quem apoiávamos não dominassem as técnicas do emprego de interpretação, o que muitas vezes dificultava a comunicação. Tornou-se, então, necessária a preparação do interlocutor para a técnica de interpretação consecutiva, como falar em velocidade moderada, com ideias curtas e fechadas, de preferência sem emprego de siglas ou acrônimos.

No tocante à tradução, outras lições foram sendo aprendidas, provocadas pela crescente demanda de documentos. Como havia apenas dois intérpretes de inglês e toda documentação enviada à ONU deveria ser redigida nesse idioma, praticamente todos os papeis passavam pelas mãos dos intérpretes, tanto para tradução (inglês para português) quanto para versão (português para inglês), sendo necessário o conhecimento sobre a diferenciação entre documentação sigilosa e ostensiva. Aqui, mais uma característica foi percebida como imprescindível à preparação do intérprete: o tratamento dado a informações sensíveis.

Outras demandas na parte administrativa foram surgindo e para que os textos fossem revisados de forma mais acurada, era necessário que dois intérpretes diferentes os corrigissem, então quando

um dos dois precisava se afastar, a revisão ficava comprometida. Caso outro militar com habilidade no idioma assumisse as revisões, era gerada uma demanda extra ao comando, que já possuía inúmeras outras atribuições, além de gerar uma perda de uniformidade na correção.

Todas essas observações foram levadas ao comando, a fim de que servissem de base para a preparação dos intérpretes dos próximos contingentes. Para o segundo contingente, oito intérpretes foram selecionados, sendo três de francês e cinco de inglês. Optei por permanecer na missão, o que possibilitou passar minhas experiências para aqueles que chegavam. Constatei que as observações relatadas, estabelecendo o perfil da missão, haviam sido de fundamental importância para a seleção e a preparação dos militares intérpretes que ora chegavam.

Analisando friamente o relato acima, as lições aprendidas podem parecer muito elementares. Mas, por estarmos às portas de novas missões, com características culturais e geopolíticas diferentes das já vivenciadas pelo Exército Brasileiro, me parece que, assim como no passado, os intérpretes que serão empregados também serão carentes de uma preparação específica, tal como a que foi exigida nas primeiras missões no Haiti.”

O depoimento a seguir é de autoria do Subtenente Craveiro, tradutor-intérprete de francês no primeiro contingente da *BRAENGC*COY

“Em 2005, a unidade onde servia, 3º BECnst - Picos/PI, recebeu uma mensagem fax solicitando voluntários para compor a *BRAENGC*COY. Uma das habilidades requeridas era a habilitação em inglês e/ou francês. À época eu estava habilitado nos dois idiomas e senti que seria uma boa oportunidade para colocá-los em prática.

Não recebi informação de qual seria, exatamente o meu trabalho. Especulavam que eu teria que fazer traduções,





## O ESTÁGIO PARA TRADUTORES E INTÉRPRETES NO CCOPAB

Criado em 2010, o Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB), sediado na Vila Militar de Deodoro, no Rio de Janeiro, veio substituir o Centro de Instrução de Operações de Paz (CIOPaz), criado em 2005. O objetivo principal do CCOPAB é realizar estágios de preparação de militares nomeados para operar em missões de paz e humanitárias definidas pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Dentre os vários estágios conduzidos por essa Unidade, o que nos interessa no presente artigo é o Estágio de Tradutores e Intérpretes Militares, surgido em 2012, a partir de uma clara necessidade de oferecer aos militares designados para essas funções no CONTBRAS do Haiti um conhecimento teórico e prático sobre a tarefa que iriam desempenhar. Tal demanda partiu de intérpretes dos primeiros contingentes, como foi citado nos depoimentos acima.

Esse estágio é uma valiosa ferramenta de treinamento e de avaliação de competência nos idiomas inglês ou francês, especialmente para aqueles militares que, apesar de possuírem certificação linguística nesses idiomas, emitida pelo Centro de Idiomas do Exército (CIDEx), mediante prova oral e escrita, não detém a sua prática.

Ao final do estágio, os militares deveriam, em situações simuladas, traduzir os documentos comumente exigidos ao longo da missão e atuar como intérpretes nas diversas situações que geralmente se configuram em missões de paz, em um ambiente multicultural. Além da competência linguística, o curso avalia: a comunicabilidade, a autoconfiança, a neutralidade de postura, a flexibilidade, a discrição e a forma de se posicionar diante de uma audiência

interpretações, mas, tudo estava vago, pois a missão no Haiti acabara de começar. Resolvi, então, por conta própria, me preparar nos campos da tradução e da interpretação. Realizei muitas pesquisas e estudos, tentando complementar minha formação acadêmica nesses idiomas.

Nos primeiros dias no Haiti me senti confortável, pois havia praticado bastante os idiomas e me sentia bem seguro, apesar de ainda muito reticente em ser empregado como intérprete, não obstante o fato de na *BRAENGCROY* não haver essa função de maneira específica. Isto foi algo muito desgastante, física e mentalmente, pois fui selecionado para uma função e, por conta da habilidade linguística, tive que desempenhar o papel de intérprete.

Como era o primeiro contingente da *BRAENGCROY*, houve inúmeros trabalhos de tradução, produção de documentos e, especialmente, de interpretação. Posso assegurar que muitos militares que participaram das missões na função de intérprete realizaram os seus trabalhos da melhor forma possível, alguns com mais dificuldades que outros. Contudo, a preparação linguística facilita e otimiza muito o trabalho, bem como os resultados em prol do contingente."

heterogênea. O estágio é composto por um período à distância, com duração de cinco semanas, e outro presencial, de uma semana, no CCOPAB.

### MINHA EXPERIÊNCIA COMO CHEFE DA SEÇÃO DE INTÉRPRETES NO 17º CONTINGENTE DO 2º BATALHÃO BRASILEIRO (BRABAT/17-2)

Minha formação acadêmica tem raiz no magistério dos idiomas português e inglês, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. No entanto, dadas as diversas demandas do Exército em encontros, seminários, visitas e acordos com países estrangeiros, procurei aperfeiçoar minhas habilidades linguísticas cursando dois anos de interpretação e outros dois de tradução, em um dos únicos cursos que, à época, habilitavam nessas áreas, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mesmo com a experiência adquirida após vários anos de prática nas diversas missões para as quais fui designada como intérprete, nunca me senti totalmente tranquila em atividade envolvendo interpretação consecutiva ou simultânea. É todo um conjunto de variantes: o domínio do tema, o acento do falante; as possíveis inserções de assuntos diferentes do previsto, por parte do palestrante, à guisa de exemplos ou de comparações, piadas ou brincadeiras típicas da cultura do orador etc.

No caso de uma missão de paz, essas variantes são agravadas pelo fato de ser um ambiente multicultural. Todos falam um idioma que não é o seu de origem, com seus sotaques, vícios de linguagem e erros de pronúncia, gerando os mais diversos tipos de dificuldades para o intérprete. Desde o início da missão, ainda durante o preparo, consolidei as seguintes questões: iria trabalhar em condições adversas, com o inopinado, em situações de crise, lidando com as mais diversas culturas, e em um grupo de pessoas com as quais nunca havia trabalhado anteriormente, muitos sem

a devida experiência em tal função. Por ocupar a chefia da célula de intérpretes, pelo menos até o segundo mês após a chegada do nosso contingente no Haiti, procurei permanecer em apoio à seção, mesmo quando não era eu a intérprete de dia, no intuito de solidificar a confiança dos meus subordinados, até que estivessem seguros na execução de suas tarefas. Felizmente, no tempo em que meu contingente esteve em terras haitianas, nenhum desastre natural ocorreu. O diferencial foi a desmobilização. O BRABAT/17-2 foi o último da curta série de dois batalhões presentes no país desde o terremoto. Com o contingenciamento, iniciado em 2012, a ONU resolveu suprimir o segundo BRABAT, deixando apenas o BRABAT original. Por ser necessário o retorno de dois terços do efetivo do batalhão para o Brasil antes do término previsto da missão, permaneci sozinha na célula dos intérpretes, participando de toda e qualquer atividade envolvendo a desmobilização, como: devolução de material à MINUSTAH, reuniões de acertos logísticos, rescisão de contratos de trabalho de haitianos, acordo de devolução do terreno ocupado pelo BRABAT, acompanhamento de processos jurídicos envolvendo o nosso batalhão, processos pendentes de contingentes anteriores etc.

Foram muitos os desafios, mas muitas as recompensas, que coroaram todo o meu esforço profissional até então. Houve obstáculos, mas as oportunidades de melhoria se multiplicavam logo adiante, tornando o conjunto da obra perfeitamente ajustado às minhas expectativas em relação à missão e às expectativas do Exército em relação ao meu trabalho.

### A SEÇÃO DE INTÉRPRETES EM SITUAÇÕES DE ESTRESSE SOCIAL

O depoimento a seguir é de autoria da Major Ana Cardoso, tradutora-intérprete de inglês nos Contingentes 11 e 21 do BRABAT

“No dia do terremoto, 12 de janeiro de 2010, o expediente já estava praticamente no final. Todos os militares que se encontravam na base foram chamados para o pátio de formatura para que fosse feita a contagem do efetivo e verificados os danos.

Minha primeira missão foi ir à sala-rádio para receber mensagens ou fazer as ligações necessárias. A primeira mensagem recebida foi a de que o Hotel Christopher havia desmoronado por completo, o que foi imediatamente repassado para o comando para que fossem adotadas as medidas pertinentes, como, por exemplo, enviar um grupo de resgate, já que havia militares brasileiros naquele local.

A segunda missão imediata foi ligar para os outros contingentes militares espalhados por todo o país, para ver qual tipo de dano haviam sofrido. Essas ligações foram feitas com telefone satelital, já que a comunicação havia “caído” por completo no *BRABAT*.

A missão seguinte envolveu todos os intérpretes. Alguns, basicamente os de francês ou os próprios haitianos assistentes de linguagem, foram enviados para ajudar na guarda, pois vários haitianos acorreram em busca de ajuda. Os de inglês deveriam se revezar na sala-rádio para ajudar o pessoal de comunicação na interação via rádio/telefone com ligações recebidas ou realizadas. Além disso, foi colocada uma TV na seção de comunicação para que os intérpretes assistissem a programas jornalísticos, principalmente internacionais, para ver o que passava na mídia. Havia um revezamento nessa missão e os intérpretes passaram a ficar 24/7 (ininterruptamente) com um rádio de longo alcance para monitorar qualquer tipo de comunicação, pedido de resgate etc.

Os intérpretes também começaram a se deslocar para a base logística, no intuito de serem ponto de ligação entre a *MINUSTAH* e o *BRABAT*. Essa passou a ser outra escala de serviço cumprida pelos intérpretes a partir de então.

Alguns dias depois do terremoto, acompanhei um GC do *BRABAT* que faria a segurança de uma equipe de resgate dos EUA, a fim de facilitar a comunicação entre os dois grupos agilizando, desta forma, seu deslocamento dentro da cidade durante o resgate de sobreviventes. Com o tempo que havia passado desde o terremoto, com mensagens confusas recebidas pela equipe de resgate e com a dificuldade de deslocamento dentro da cidade, tivemos a oportunidade de participar de apenas um resgate que acabou sendo feito em conjunto com uma equipe francesa. Continuamos buscando sobreviventes com a equipe, mas após oito horas, o grupo do *BRABAT* foi substituído por outro GC...”

Esse relato da Major Ana Cardoso é apenas um dos muitos exemplos de situações extremas pelas quais um intérprete pode passar em uma missão de paz. A importância do preparo desses profissionais da comunicação fica evidente em momentos como esses, quando a transmissão da informação deve ser exata, para que a crise não tome maiores proporções.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As comunicações em outro país podem suscitar interpretações errôneas, ou distorcidas, estabelecendo uma linha tênue entre o sucesso e o fracasso de uma missão de paz.

Como lições aprendidas, pudemos observar a importância de haver uma célula de tradutores-intérpretes, em um componente militar em missão de paz, que contenha oficiais e praças do país pacificador, além de civis do país pacificado, como aconteceu no Haiti. Esta prática estreita os laços de amizade entre as duas nações a partir de um ambiente de trabalho e aumenta a credibilidade do povo pacificado, pela transparência de intenções e consideração com que são tratados por uma gente estranha, que está presente no seu território.

Para que essa sinergia seja possível, é

crucial que se mantenham padrões elevados na identificação e na seleção dos intérpretes, que deverá ser feita com antecedência mínima de seis meses antes do embarque. Esse é um tempo limite para possibilitar o preparo do militar, tanto no aspecto técnico, principalmente da interpretação, quanto no conhecimento da cultura local (*cultural awareness*), a fim de que o respeito às crenças, valores e tradições do país anfitrião seja rigorosamente observado. Um processo de seleção oral é essencial para avaliar adequadamente o conhecimento e a aptidão para a interpretação dos voluntários, com ênfase para a rapidez, a objetividade e a precisão.

O país em missão deve estar devidamente preparado para empregar seus intérpretes em qualquer situação, especialmente em circunstâncias sensíveis, partindo-se da premissa que uma missão de paz é estabelecida em uma sociedade cujos direitos humanos tenham sido violados. Isso significa que a seleção do intérprete também deve ser rigorosa quanto ao aspecto psicológico, já que esse profissional poderá atuar

em áreas de risco e deparar-se com vítimas de estupro, tortura, abusos e assassinato de familiares, sem poder, no entanto, deixar-se dominar pelo emocional, para que bem realize sua tarefa.

Da mesma forma, o intérprete civil local, ou assistente linguístico, como é denominado, deve possuir proficiência nos idiomas nativo e da tropa apoiada, além de competência e atitude imparcial, já que tem, como fator agravante, o envolvimento direto com as questões que afetam o seu país. Há de se levar em consideração que esse intérprete pode possuir amigos e parentes feridos ou mortos em conflito; residir em área dominada por facções oponentes, onde sofra ameaças ou intimidações; ter tido propriedade confiscada por grupos opressores; ou qualquer outro tipo de componente traumático que influencie seu comportamento e ética profissional. Por outro lado, a inteligência de rua, o carisma e a sociabilidade desses assistentes, são pontos de inflexão para ajudar a tropa em missão, a conduzir as negociações atravessando as barreiras da comunicação verbal e não verbal e das nuances culturais.

